

TEOLOGIA NEGRA: HERMENÊUTICA DA RESISTÊNCIA

BLACK THEOLOGY: HERMENEUTICS OF RESISTANCE

TEOLOGÍA NEGRA: HERMENÉUTICA DE LA RESISTENCIA

Fábio Teodoro Raymundo¹
Roberto Rohregger²

Resumo

O presente artigo visa apresentar a teologia como uma ferramenta de combate ao racismo, para uma sociedade mais justa e igualitária. Como este problema está enraizado em nossa sociedade, é importante combatê-lo, não apenas através do discurso, mas com ações concretas; para tal, é necessário investigar sua origem e deslegitimá-lo e, assim, propor soluções através da prática religiosa e teológica. O objetivo deste estudo é propor uma teologia a partir de novos locais de fala, o que possibilita o reconhecimento dos desafios sofridos por grupos cristãos de diferentes culturas. Por intermédio de uma revisão bibliográfica, conceituamos: o racismo estrutural, de herança colonial; o culturalismo, que substituiu o racismo científico; e o pluralismo religioso. Conclui-se que a teologia negra é um elemento de resistência e denúncia da realidade vivida pelas comunidades negras.

Palavras-chave: racismo estrutural; teologia negra; teologia antirracista.

Abstract

This article aims to present theology as a tool to combat racism for a more just and egalitarian society. As this problem is rooted in our society, it is important to fight it not only through speech, but with concrete actions; for that, it is necessary to discover its origin and delegitimize it and, thus, propose solutions through religious and theological practice. This study proposes a theology from new places of speech, which enables the recognition of the challenges faced by Christian groups from different cultures. Through a bibliographical review, the following concepts were defined: structural racism, of colonial heritage; culturalism as a substitute for scientific racism; and religious pluralism. It is concluded that black theology is an element of resistance and denunciation of the reality experienced by black communities.

Keywords: structural racism; black theology; anti-racist theology.

Resumen

El presente artículo presenta la teología como herramienta de combate al racismo, en busca de una sociedad más justa e igualitaria. Como ese problema está enraizado en nuestra sociedad, es importante combatirlo, no solo a través del discurso, sino con acciones concretas; para ello, es necesario investigar su origen y deslegitimarlo, para sugerir soluciones a través de la práctica religiosa y teológica. El objetivo de este estudio es proponer una teología a partir de nuevos lugares de habla, lo que permite el reconocimiento de los retos enfrentados por grupos de cristianos de diferentes culturas. Por medio de revisión bibliográfica, definimos: el racismo estructural, de herencia colonial; el culturalismo, que sustituye el racismo científico; y el pluralismo religioso. Se concluye que la teología negra es un elemento de resistencia y denuncia de la realidad vivida por las comunidades negras.

Palabras-clave: racismo estructural; teología negra; teología antirracista.

¹ Acadêmico do curso de Teologia do Centro Universitário Internacional UNINTER, Graduado em História UBM (2008), Especialista em História do Brasil pela Faculdades Integradas Jacarepaguá (2013), Especialista em Cultura afro-brasileira FISG (2016). E-mail: f.teodororaymundo@gmail.com

² Professor da área de humanidades do Centro Universitário Internacional - UNINTER. MESTRE em Bioética pela PUCPR, ESPECIALIZAÇÃO em Psicoteologia e Bioética pela Faculdade Evangélica do Paraná - FEPAR e Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná - FTBP e em Formação de Docentes para EAD pelo Centro Universitário UNINTER. GRADUAÇÃO em Bacharel em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (2008), formação Pedagógica em História pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: roberto.r@uninter.com

1 Introdução

A sociedade em que vivemos está baseada na liberdade, nos direitos civis, direitos políticos, entre outras conquistas fundamentadas na democracia — direitos de suma importância. Ademais, esta é uma sociedade de consumo, onde temos acesso a variados bens, como o acesso à arte, cultura, saúde, educação e espiritualidade, entre outras áreas.

Entretanto, existem alguns grupos que, infelizmente, não possuem acesso a benefícios mínimos proporcionados pela cidadania, como saúde e educação. Observa-se que, em sua maioria, trata-se de grupos étnicos raciais como negros e indígenas, no caso do Brasil. Esta realidade está presente em nossa sociedade e, assim, surge um grande desafio que é: como lutar por justiça social? Inúmeros setores da sociedade civil e do Estado se debruçam há décadas sobre o assunto.

Na academia, há pesquisas nas áreas da economia e ciências sociais que debatem este tema, e a teologia, como parte da área de humanidades, não pode ficar de fora dessa temática. Desta forma, questiona-se *como a teologia pode contribuir como ciência para o debate que está em evidência na sociedade, como vencer a fome, o desemprego, o preconceito e as demais mazelas sociais?*

Com vistas a contribuir com a reflexão sobre este assunto, o presente artigo tem como objetivo levantar o caminho teológico na busca de uma sociedade mais justa e igualitária; o objetivo é fomentar esta reflexão, não apenas na academia, mas nas comunidades eclesiais e na sociedade. Assim, o tema será tratado através do recorte da realidade vivida pelos negros no Brasil. Temos uma dívida histórica com essas comunidades étnicas, que, muitas vezes, são esquecidas pela sociedade e pelo poder público. No mundo, há diferentes tipos de preconceitos étnicos, como, por exemplo, contra judeus, negro, ciganos, entre outros — um mal que persiste historicamente em nossa sociedade.

Nesta sociedade, que se pretende democrática e progressista, que é plural e formada por vários modelos culturais e étnicos, constata-se que apenas um grupo hegemônico domina todos os setores de produção, seja na cultura, indústria, comércio ou financeiro. Tal domínio acontece nas grandes posições, pois como o Brasil é um país de maioria populacional negra, os lugares de produção braçal é o espaço destinado a essa etnia. Esta etnia tem um grande problema que é, além da privação de direitos, não possuir mecanismos de superação dessas dificuldades (ALMEIDA, 2018).

Para contribuir para o debate, tanto acadêmico quanto social, temos três linhas para a trajetória desta pesquisa. A primeira é conceituar o racismo como estrutural, com o autor Silvio

Almeida; logo após, apresentar o conceito de racismo como segregação, com o autor Jessé Souza; e, por fim, conceituar o racismo na linguagem, com Franz Fanon. A segunda parte tratará do princípio pluralista e novas possibilidades: apresentação do método Novos lugares de enunciação, teologias contextuais e o Princípio Pluralista. A Terceira parte abordará a teologia negra como antirracista, a teologia negra e o princípio pluralista, teologia negra como hermenêutica de resistência.

O presente artigo tem como objetivo compreender como a teologia negra pode contribuir para o diálogo inter-religioso e para uma visão antirracista da sociedade. Além de conceituar racismo estrutural, compreender como uma hermenêutica a partir da realidade vivida pelo povo negro pode contribuir para uma sociedade com menos preconceitos; então, deve-se analisar como a literatura aponta caminhos para uma sociedade mais justa.

2 Racismo Estrutural

O conceito de racismo estrutural está muito em voga em nossa sociedade; ouvimos isso nos jornais, nos livros, nos debates políticos, porém poucas pessoas entendem bem o que isso significa. Para embasar o argumento de que há no Brasil o racismo estrutural, apoiamo-nos na obra de Silvio Almeida (2018), em que o autor trabalha com a tese de que as heranças coloniais continuam presentes e latentes em nossa sociedade. O autor trabalha com o tema da ideologia como algo que mantém o racismo na estrutura social vigente no Brasil. E por que ideologia? Para ele, o racismo não surgiu apenas pela questão econômica ou uma hegemonia que se consolidou no inconsciente popular.

Houve uma narrativa, balizada pelo saber científico, que tentou validar a ideia de que o negro era um ser inferior. O século XVIII e XIX foram marcados pela ciência, que recebeu um grande valor social, não apenas acadêmico. Ao longo dos anos, e das tentativas de narrativas que justificassem o racismo, acabou influenciando o inconsciente popular, mesmo depois que os argumentos utilizados fossem contestados pela academia e deixados de ser aceito como argumentos científicos comprovados.

Desta forma, o racismo estrutural no Brasil foi sendo assimilado tanto pelos negros quanto pelos brancos antirracistas. Desta forma, este pensamento perpetua que o negro é o principal culpado por suas mazelas, como se o contexto histórico e cultural não influenciasse essas ações ou resultados (ALMEIDA, 2018).

Criou-se, assim, uma subjetividade popular, tanto para o negro quanto para o branco não-racista, de que as condições em que o negro se encontra se justificam apenas pelas suas

ações e maneiras de viver, como se sua escolha fosse trabalhar nos lugares onde se exigem menos capacitação pela preguiça em estudar.

Para Almeida (2018), a ideologia faz com que o homem aja de forma natural, baseando suas atitudes a partir de sua cosmovisão, formada historicamente pelo sistema. Isto posto, a ideologia formada pelos meios de produção cultural, como novelas, jornais, escolas, religião, entre outros. Estes meios, ao reproduzirem os estratos sociais, sem fazerem a devida crítica ao sistema, apenas reforçam a cosmovisão que mantém o *status quo* da sociedade.

As produções sociais que reforçam as práticas discriminatórias e de falta de oportunidade só podem se perpetuar por estar pautado na ideologia, nesta cosmovisão imposta pela sociedade. Este sistema tem o seguinte problema: o negro como sujeito incluso nessa cosmovisão que é reproduzida pelo estado, escola, religião etc.; por isso, o negro acaba se tornando um reprodutor dessa realidade, como cita o autor:

Boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeito, e de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos, especialmente quando fazem partes de instituições estatais encarregadas da repressão, como é o caso de policiais negros (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Dessa forma, é possível inferir que o autor sinaliza que para haver racismo é necessária uma justificativa intelectual; em vista disso, ressalta-se a importância da Filosofia e da ciência para validar o consciente popular, pois o racismo só existe por vir imbuído de uma autoridade ideológica. A globalização e a mudança de paradigma de racismo científico para o culturalismo — que para o autor absorve a cultura negra e indígena tornando-as exóticas — não contribui para uma nova formação de mentalidade.

Outro autor que contribui para o debate sobre o racismo estrutural, e para a superação desse paradigma, é Jessé Souza; ele apresenta as consequências históricas da escravidão que impediram um maior desenvolvimento econômico e social do Brasil, de modo que todos os seus cidadãos possuíssem as mesmas oportunidades. Souza coloca como essencial a compreensão do que é poder ou de quem o detém. Para o autor, aquele que está no poder, ou quem o possui, determinará como serão as relações sociais, quem terá os privilégios e os que ficarão de fora; contudo, tal poder precisa ser validado, e quem o faz, através de uma argumentação baseada na razão, são os intelectuais. Dessa forma, a ideologia precisa validar a visão dos atores sociais para que haja a legitimação dos atos dos possuidores de poder (SOUZA, 2019).

Com essa perspectiva, o autor visa demonstrar como o pensamento conservador ganhou força no Brasil e como ele se mantém, apresentando a ciência, ou o pensamento intelectual, como elemento de validação de nossa cosmovisão. Aponta que a ciência é fruto do seu tempo e que seus avanços são resultados da quebra de seus próprios paradigmas. Souza (2019) defende que os paradigmas do cientificismo do século XIX e XX, na defesa das diferenças sociais baseadas na fisiologia humana, ficaram presentes no inconsciente popular, como supracitado nos argumentos usados por Almeida (2018), substituído pelo paradigma culturalista. Tais estudos passaram de uma ideia de cor para um conceito de povo; apontam que algumas culturas, por diferenciarem-se de outras, “mereceriam” mais reconhecimento do que outros grupos sociais, por terem atingido um determinado grau de desenvolvimento (SOUZA, 2019).

Como a mídia não é produtora de conhecimento, acaba difundindo o conhecimento criado por especialistas. Entretanto, apresenta apenas um único local de fala, pois são os filhos das elites que o produzem; ademais, mesmo quando tentam manter o equilíbrio, os oprimidos não possuem tal lugar de fala.

Souza (2019) defende que o culturalismo não acabou com o racismo no Brasil, apenas o escondeu; assim, sem um rompimento de paradigma, o racismo ficou implícito.

Quanto ao culturalismo, os autores têm opiniões diferentes, mas que não divergem; apenas possuem locais de fala ou pontos de vista diferentes. Para Almeida (2018), o culturalismo surge como corrente intelectual que substitui o paradigma do racismo científico, pois, este conceito trabalha com a ideia de aglutinar a cultura negra e indígena; assim, estas culturas tornam-se exóticas, e podem ser consumidas no mercado da arte, como através do cinema, música, entre outros. Entretanto, para Souza (2019), o culturalismo como forma intelectual de ruptura, com o racismo estrutural, camufla o racismo científico e torna-o velado; conforme o autor, o americano e o europeu ainda se consideram mais evoluídos do que os latino-americanos, isto é, o sentimento de superioridade continua sendo validado de maneira intelectual (SOUZA, 2019).

Souza (2019) postula que tal percepção impacta expressivamente nossa sociedade, pois o brasileiro branco de classe média acaba, também, sentindo-se superior ou mais merecedor do que as classes econômicas mais baixas da sociedade, onde a maioria populacional é negra. Por esta razão, a ideologia se faz necessária, como abordado por Almeida (2018) e corroborado por Souza (2019, p. 25), que defende:

Todo racismo, inclusive o culturalismo racista dominante no mundo inteiro, precisava escravizar o oprimido no seu espírito, e não apenas no seu corpo. Colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso. De nada

adianta americanos e europeus proclamarem suas supostas virtudes inatas se africanos, asiáticos e latino-americanos não se convencerem disso.

Em vista disso, observa-se que o racismo se torna estrutural por estar presente não apenas na visão de pessoas declaradamente racistas, mas, também, no inconsciente dos oprimidos e da elite não-racista. Assim, não é possível superar este elemento de opressão apenas através de palestras em escolas, universidades, filmes e ocupação de cargos públicos, ou privados de expressão; o desafio é superá-lo no inconsciente popular, começando pelos próprios oprimidos pelo racismo. É preciso o estabelecimento de mais políticas públicas intencionais e efetivas para avançarmos e superarmos esta realidade, em que milhões de brasileiros se encontram.

Versaremos, também, sobre o racismo estrutural a partir da obra clássica de Frantz Fanon (2008) *Peles negras, Máscaras brancas*. O autor trabalha com a tese que, no imaginário do colonizado, há uma esperança de tornar-se igual ao seu colonizador; demonstra, através da psicanálise, como os elementos de dominação ideológica são capazes de validar — assim como apontado por Souza (2019) — a legitimação das ações das nações europeias ocidentais em países da África, Ásia, América, atribuindo, assim, uma autoridade intelectual de perpetuação da exploração no consciente das classes oprimidas ou exploradas (FANON, 2008).

A obra de Fanon nos ajuda a compreender o trabalho dos dois autores anteriormente citados, pois ele trabalha com a ideia de colono. No caso do Brasil, para compreendermos os problemas do racismo, temos que voltar às suas bases, que se encontram no período colonial. Neste período, o Brasil passou a utilizar a mão de obra escravizada de africanos trazidos de forma desumana para o trabalho.

O negro escravizado encontrou toda a espécie de problemas em nossas terras: filhos que eram vendidos e separados de suas mães, estupros, açoites e todos os tipos de opressões psicológicas para que trabalhassem de maneira dócil, e sem oferecer resistência aos seus opressores. O castigo físico era a maneira de dizer que se alguém se colocasse contra o sistema aconteceria o mesmo.

Assim, como essa dor, sofrida por esse povo, passa a ser vista pelo oprimido a partir da lente de seu opressor? Para o autor, isso acontece através da linguagem e das instituições.

O imaginário da religião, imposto aos descendentes de negros escravizados, e a aculturação vivida pelos colonos acabaram validando a metrópole como uma local de *glamour*, desenvolvimento. Afinal, é nas metrópoles que estavam as universidades. No caso do Brasil, os

nobres mandavam seus filhos para Portugal para que eles retornassem doutores³ (FANON, 2008).

Em vista disso, a obra de Fanon discorre como a construção da figura da metrópole ficou, de certa forma, santificada na visão e na vida do colono. O negro, inserido de forma ora natural, ora pela violência na cultura da colônia, acabou tendo sua cosmovisão influenciada pelo olhar do colono, que passa a ver a metrópole como o lugar de prosperidade e felicidade, pois de lá vem os profissionais intelectuais que dizem o que está em voga na Europa, o que é moderno, o que está na moda (FANON, 2008).

O autor trabalha com a tese de que os moradores senegaleses e outros povos colonizados pela França viam o país colonizador como lugar de contemplação, onde ele se completa após ter ido. Ele justifica que o uso da linguagem é o uso da comunicação com o outro. Para ele, o negro se comunica de forma diferente quando se tem contato com um negro como ele, ou com um branco. Fanon (2018) versa, também, que comunicar-se é a capacidade de usar os recursos linguísticos produzidos e inseridos em sua cultura.

Para Fanon (2018), a língua é elemento de poder; assim, o negro para ter acesso a sua cultura através da sua linguagem acaba assimilando a cultura do seu colonizador; dessa forma, segundo o autor, o negro acaba se tornando branco. Tal problema ocorre porque o domínio da linguagem acontece por meio dos processos educacionais, e, quando um negro colonizado tem acesso à educação, tem acesso à educação da cultura de seu colonizador; logo, não há como não reproduzir a cultura. “Devido ao sepultamento de sua originalidade cultural, toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, 2008, p. 34)⁴. O autor trabalha com a ideia de que o negro para ser aceito como um falante da língua, deseja falar como seu opressor, pois quer ser aceito como o branco. Assim, ele precisa falar como um branco e agir como um branco.

Isso é o racismo estrutural, que está além de políticas de inclusão, pois estão envolvidos fatores mais fortes do que forças de leis; é uma forma de entender uma mentalidade em que o grupo hegemônico perpetua a sua cultura e o *status quo* que mantém os negros no subemprego.

Como sinaliza Almeida:

Todas as questões só podem ser respondidas se compreendermos que o racismo, enquanto processo político, é também um processo de constituição de subjetividades,

³ O autor aponta o glamour que é para o martinicano se sentir como alguém realizado por ir à França, metrópole, volta como se tivesse um ciclo realizado, algo que precisa ser feito antes de sua morte. Para ele, autor, quanto mais a fala do martinicano se aproxima do francês da metrópole, mais realizado ele fica (FANON, 2008).

⁴ Na nota de rodapé, o tradutor coloca que para o autor “todo indivíduo, como ser social, é integrado, enquadrado, e aculturado”. p. 34

de indivíduos cuja consciência e os afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais (ALMEIDA, 2018, p. 49).

Assim, observamos que a obra de Almeida (2018) dialoga com o trabalho de Fanon (2008), ao identificar no processo de produção cultural e nas relações sociais a validação da cultura hegemônica como superior ou desejada. Souza (2019) também contribui para o debate quando diz: “Afinal, é preciso convencer todo um povo de que ele é inferior não só intelectualmente, mas tão ou mais importante, também moralmente.” (SOUZA, 2019, p. 25).

3 O princípio pluralista

O princípio pluralista de interpretação bíblica acontece por conta dos lugares em que a teologia e as práticas de vida se encontram. Esse princípio está ligado aos lugares diferentes de fala e das múltiplas fronteiras que existem no extrato social em que vivemos. Pensar em pluralidade é compreender que a bíblia e a vida comunitária não podem ser vistas apenas do plano conservador, de matriz europeia.

Afinal, no Brasil, o que temos é a diversidade de formas, produção cultural, artística, intelectual e econômica. Em vista disso, um país continental como o nosso não pode ter as mesmas respostas para problemas com origens diferentes.

Assim, o princípio pluralista nos permite compreender os diversos lugares de fala que existem no país e termos mais ferramentas para traçar soluções de curto, médio e longo prazo, pois sabemos que a teologia tem um papel fundamental na construção da sociedade. Os líderes religiosos de diferentes espaços enfrentam desafio diferentes dos europeus de séculos passados e, assim como em seus períodos históricos, foram capazes de contribuir para formação da sociedade de seus tempos; logo, os teólogos atuais também precisam de ferramentas para enfrentar os desafios dos dias atuais.

Ribeiro (2021) também colabora com esse debate; para ele, a metodologia possui três pontos fundamentais: ecumenismo (alteridade), fronteira (entre lugares) e uma crítica social (contra-hegemonia).

O trabalho continua a estruturar a forma metodológica de produção que são a inter-religiosa (que não está em conformidade com o pensamento religioso conservador) e ainda a inter-religiosa como foco nos problemas políticos e econômicos.

Tal trabalho, segundo o autor, está vinculado a uma dialética de fronteira entre as hegemonias (pensamento que mantém o *status quo*) e as contra-hegemonias (que propõem as

mudanças de paradigmas, formas de resistência). Para ele, o papel da religião nos últimos vinte anos é o debate sobre a paz e a justiça social.

Ribeiro apresenta a tese de que o movimento inter-religioso está pautado na Teologia Latino-americana. Esta teologia faz críticas aos processos de dominação do capital e exploração dos mais humildes: “afirmamos a importância da crítica de dominação e de exclusão socioeconômica, que marcam a atualidade e caracterizam o domínio de um no Império” (RIBEIRO, 2021, p. 19).

Assim, desta união de visões religiosas em diálogo, surge o princípio pluralista cujo parâmetro é a relação da religião com a sociedade, como promotora de paz e justiça social.

Esperamos apresentar bases teóricas que mostram ser necessária para as análises sociais uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos, da cidadania e da democracia (RIBEIRO, 2021, p.20).

Através da lente do princípio pluralista, observa-se que com a mudança do paradigma da globalização e da secularização do Estado, o capital acabou tomando o lugar da religião e tornou-se o grupo hegemônico; assim, para romper com esse paradigma, que promove a exploração de grupos sociais, e para contrapor a visão imposta pelo capital, temos a ação contra-hegemônica.

Dessa forma, para uma teologia que tenha como princípio hermenêutico as populações afrodescendentes, a lente metodológica do princípio pluralista torna-se imprescindível para a busca de soluções teológicas, como uma leitura bíblia que responda aos desafios apresentados pelo problema do racismo.

4 Teologia negra como elemento de resistência antirracista:

A intitulada teologia negra não trata de uma teologia africana, mas sim de uma teologia dos negros que vivem em situações de segregação e marginalização em sociedades racistas brancas. A teologia negra está, então, relacionada com experiência desumana do racismo (GIBELLINI, 2002).

A teologia negra é uma teologia contextual. Geralmente, as teologias contextuais são caracterizadas por responder determinadas perguntas pontuais. Conforme nos alerta James Cone:

Os negros não perguntam se Jesus é um com o Pai ou divino e humano, embora as formulações ortodoxas implicadas na linguagem deles. Eles se perguntam se Jesus

está andando com eles, se podem chamá-lo no “telefone da oração” e contar-lhe tudo sobre suas aflições (CONE, 1985, p. 23).

Diante do exposto, e a partir da temática do racismo, objetiva-se responder e entender qual é o sentido da mensagem evangélica sobre temas controversos e polêmicos que surgem no seio das sociedades. Por meio de experiências de vida, peculiares a determinados grupos, é que se deve pensar as propostas teológicas denominadas como inculturadas.

Cone (1985) advoga em prol de uma leitura e compreensão da fé por meio da experiência negra. A Teologia Negra tende, portanto, a ser fruto desse exercício, sendo ela mesma a expressão de um sentimento perpassado pela experiência de anos, quiçá séculos de sofrimento, angústia e dores sofridas pelo povo negro ao longo de sua história. Por isso, insiste na seguinte questão:

A Teologia Negra é uma teologia do povo negro e para ele, um exame de suas estórias, contos, ditos. É uma investigação na mente feita nas matérias-primas de nossa peregrinação, contando a história de “como nós vencemos”. Para a teologia ser negra, ela deve refletir sobre o que significa ser negro (CONE, 1985, p. 27).

Observa-se que é um exercício hermenêutico, isto é, uma tarefa interpretativa que exige determinado esforço histórico e teológico para que se aproxime de uma compreensão que expresse, de forma verossímil, o sentimento e expressão de vida e história da população negra. Quando se lança nessa empreitada, Cone (1985) faz com que os dilemas da população negra estabeleçam a interface com temas da Bíblia e da teologia sistemática.

Para o autor, a questão teológica não está relacionada apenas em conhecer os atributos de Deus e como Ele se revela ao homem; há, na leitura do autor, a sua realidade, e, através dela, nota-se como seu povo e sua comunidade eram tratados por outros cristãos.

Cone se apresenta nesta jornada de descoberta como um jovem estimulado pelo amor e a alegria em que vivia na igreja; contudo, mesmo com a felicidade advinda de sua experiência religiosa, via como os brancos se relacionavam com os negros, vistos como serviçais (CONE, 1985).

O autor cita, também, sua experiência em sua cidade natal, onde percebia que os negros não eram bem-vindos à igreja em que congregavam os brancos, concluindo que nem todos não são bem-vindos à casa do Senhor.

Por conta desse sofrimento, oriundo da segregação, surge uma hermenêutica vinculada à dor do negro, que se diferenciava das outras maneiras de interpretação e prática da atividade religiosa e vida espiritual (CONE, 1985).

Para ele, cada vez que o povo negro sofria injustiças, seu amor por Deus tornava-se mais forte, e isso se traduzia nas orações comunitárias, no louvor e na música. Estas expressões de fé eram, para Cone, a demonstração de que para a população oprimida surgia de maneira orgânica uma hermenêutica de resistência.

Tal resistência vai aumentando a partir do momento em que os teólogos negros passam a estudar os conceitos produzidos por uma teologia que tinha uma cosmovisão de um povo ariano, que não respondiam aos problemas sociais vividos em sua comunidade. “Que é Teologia? Qual a substância deste “raciocínio sobre Deus” do qual a Igreja tem se incumbindo durante quase vinte séculos? Eu sabia que Calvino e Bultmann não me podiam responder essa pergunta.” (CONE, 1985, p. 14).

Conforme Cone (1985), a forma de interpretar a bíblia, a partir de uma perspectiva de uma sociedade opressora, não apresentava respostas para mostrar aos oprimidos o amor de Deus e sua libertação da dor e do sofrimento. Assim, o autor passa a pensar a teologia com a lente do povo negro, ao ler o evangelho a partir de sua realidade local. Com essa motivação, passou a produzir materiais sobre a temática, uma teologia que respondesse às perguntas em uma realidade local de opressão.

Destarte, temos uma mudança de paradigma que, para o autor, é o modo de conceber a atividade do teólogo. Passa a vê-lo como um exegeta da palavra de Deus e um exegeta de seu tempo e, de posse de uma palavra, proclama a libertação, o amor, o perdão e a salvação para os povos oprimidos. “A tarefa do teólogo é investigar, exegeticamente, as profundezas das Escrituras, com o propósito de relacionar aquela com a existência humana.” (CONE, 1985, p. 17)

O autor contribui com a argumentação de que para que o povo negro saia da condição de sofrimento e opressão são necessárias ferramentas que a palavra de Deus é capaz de dar. Quando um cidadão negro ou um branco não-racista passa a usar a palavra sagrada como resposta para as injustiças vividas pelos seus contemporâneos, passa a encontrar as respostas reveladas em Cristo através dos evangelhos.

Nos evangelhos, temos um Cristos que denunciava as mazelas de seu povo, que era capaz de sentir a empatia, sofrer, compartilhar. Ele foi um refugiado no Egito, sofreu como inocente e, sem pecado, foi julgado como pecador. Logo, podemos considerar a Teologia Negra como um movimento que contribui para o debate sobre o Deus que foi oprimido e sofreu, assim como o povo negro, mas que ao final revelou o amor de Deus através de sua ressurreição.

Pensar em uma teologia que está vinculada à dor do próximo pode sensibilizar os não-racistas a terem atitudes não apenas de empatia, mas de ação ou proposta de atitudes antirracistas.

Promove-se, assim, uma leitura bíblica que propõe a inclusão de uma população que se encontra de maneira marginal; contudo, para mudar tal condição, esta população precisa, além da fé, de políticas públicas, para serem inseridos no contexto religioso, social e intelectual. Em vista disso, espera-se que condições de igualdade sejam geradas, para que possam disputar os mesmos espaços de poder, os mesmos empregos, as mesmas universidades.

Assim como uma teologia de perspectiva ambiental pode levar os brasileiros a debaterem como construir um mundo mais fraterno, é preciso uma teologia que apresente a realidade do povo negro; o objetivo é que as comunidades de tradição de fé cristã se sensibilizem e compreendam que o povo negro foi historicamente oprimido e que essa realidade ainda está presente em nossa sociedade, como apresenta Souza (2019).

O diálogo interdisciplinar é importante em todas as produções intelectuais nas ciências humanas; logo, é fulcral uma teologia feita a partir de uma leitura bíblica que compreende que Deus trabalha para todos, ama a todos e que delega ao homem o dever de cuidar do seu semelhante.

“Este é o primeiro e maior dos mandamentos. O segundo, semelhante a este, é: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo.’” (BÍBLIA, Mt 22, 38-39)⁵.

Dessa forma, é preciso uma exegese humanizada para vermos os nossos semelhantes, pois o grande mestre nos apresentou como devemos nos portar ante as realidades vividas, não apenas em relação ao povo negro, mas a todas as minorias.

Uma leitura humanizada da bíblia é uma leitura antirracista; uma leitura que percebe a história de uma população majoritária no Brasil e que fica à margem da produção cultural, artística e religiosa.

Cone (1985) apresenta uma teologia negra por um motivo simples: eles não podiam ser membros de igrejas onde os brancos congregavam; como a religião também é uma produção cultural, o fazer religioso dessas comunidades negras precisavam fazer a leitura de sua realidade para propor as suas soluções encontradas nas sagradas escrituras.

São as escrituras que baseiam toda a teologia negra em sua agenda, para mostrar ao mundo um Deus de reconciliação.

⁵ Bíblia King James

A ideia da libertação do povo negro não é a de dar o troco aos brancos por todo o sofrimento vivido, mas, sim, sobre a construção de uma nova cultura (CONE, 1985). Para o autor, quando a sociedade se omite em relação ao racismo, permite que as pessoas continuem sendo oprimidas pelo sistema, tornando-se cúmplice do sofrimento do próximo. Conforme o autor, não existe neutralidade, ou você está com o oprimido ou está com o opressor (CONE, 1985).

A resistência de um povo acontece de forma sublime quando há esperança de que o sofrimento desta vida não abalará uma vida com Cristo; uma resistência baseada na fé, expressa nas orações e nas canções.

Cone (1985) versa que esse lugar melhor era a esperança de Martin Luther King, na sua luta pelos direitos civis, pois sonhava com um mundo onde o que importaria não seria a cor da pele de uma pessoa, mas o seu caráter. O sonho de um mundo melhor, aliado à fé em Cristo, é como a resistência tem trabalhado e, paulatinamente, vencido os desafios impostos à comunidade negra de confissão cristã em nossa sociedade. Dessa forma, a teologia negra contribui para a luta antirracista que visa uma nova construção social, mais humana, justa e igualitária.

5 Metodologia

O presente artigo objetiva compreender a teologia negra como agente de diálogo para contribuir para uma visão antirracista da sociedade, ao conceituar racismo estrutural e sugerir uma hermenêutica a partir da realidade vivida pelo povo negro — com o foco na construção de uma sociedade menos preconceituosa. A metodologia utilizada pelo artigo foi a bibliográfica, realizada por intermédio de fichamento de obras que abordam tanto as ferramentas hermenêuticas do pluralismo religioso quanto a conceituação de racismo e resistência.

Utilizaram-se para a construção do artigo análises bibliográficas, através de fichamentos de obras de caráter hermenêutico para a construção dos argumentos e da narrativa teológica antirracista. Para embasar bibliograficamente o projeto, consultamos o conceito de racismos estrutural presente nas obras de Silvio Almeida, de Jessé de Souza e de Frantz Fanon. Os autores trabalham com a tese de que as heranças coloniais continuam presentes e latentes em nossa sociedade.

A bíblia também foi consultada para abordar como Jesus se relacionava com as pessoas diferentes, principalmente com os samaritanos que tinham diferenças com os judeus, e para

resgatar a prática de Jesus, isto é, seus ensinamentos. Cristo cita o “bom samaritano” como exemplo de próximo, ao qual eu devo amar como eu me amo.

6 Considerações Finais

O artigo tem como objetivo discutir o tema da negritude e da teologia negra como uma hermenêutica de resistência, a partir da relação estrutural que o racismo traça com a sociedade. Na primeira parte do artigo, o intuito foi tratar a temática do racismo de acordo com sua função social e política, a partir das obras de Silvio de Almeida e Jessé de Souza; no último tópico desta primeira argumentação, discorreu-se sobre a relação do estudo da linguagem a partir de Franz Fanon.

Silvio Almeida em sua obra (*O que é racismo estrutural?*) versa sobre o conceito de racismo como estrutural a partir da ideologia, como algo que mantém o racismo na estrutura social vigente no Brasil. E, por que ideologia? Para ele, o racismo não se deu apenas pela questão econômica ou uma hegemonia que se consolidou no inconsciente popular.

Já o autor Jessé Souza (*A elite do atraso*) aborda o racismo como segregação e apresenta uma perspectiva de que os problemas que contribuem para o lento crescimento social e econômico do Brasil ocorrem pela herança da escravidão. Para Souza, existe uma narrativa que tenta validar a ideia de que o negro era um ser inferior balizado no saber científico, através das teorias de racismo baseado na ciência. Sabemos que o século XVIII e o século XIX foram marcados pela ciência e que ela recebeu um grande valor social, não apenas acadêmico.

Souza entende que houve uma mudança na perspectiva científica de um racismo da cor da pele e fenótipos para o culturalismo — que não rompeu com o paradigma racista, apenas o disfarçou. Com isso, as práticas racistas e limitadoras que eram embasadas no racismo científico não foram rompidas, apenas camufladas.

No fim desta primeira parte do projeto, trabalhamos com Franz Fanon (*Pele negra, máscaras brancas*) analisando o racismo na linguagem. Fanon apresenta esta perspectiva baseada na análise psicanalítica do perfil de alguns povos colonizados pelos franceses; ademais, trabalha com a linguagem como elemento de poder.

Fanon mostra como os povos colonizados possuem uma grande marca da cultura branca e europeia. Estes povos colonizados, ao invés de buscarem criar sua própria história e sua cultura, buscam ter uma cultura igual à dos europeus, como se as culturas desses países fossem superiores ou mais desenvolvidas.

Na segunda parte do artigo, aborda-se o princípio pluralista como elemento de articulação e nova possibilidade hermenêutica. Verificou-se que tal metodologia possibilita a *interface* com diversas áreas do conhecimento, contemplando novos lugares de fala e de produção do saber; ademais, apresenta o método de Novos lugares de enunciação, teologias contextuais e o diálogo inter-religioso. Trabalhamos com os seguintes autores em diálogo: Cláudio de Oliveira Ribeiro e James H. Cone.

Para Ribeiro, a Teologia vem construindo uma nova maneira de se relacionar e fazer o seu conhecimento epistemológico através da ferramenta do princípio pluralista, ferramenta essa que tenta reconhecer as necessidades locais e apresentar as soluções para os desafios encontrados. Trabalha com a dialética de hegemonia *versus* contra hegemonia.

Cone (1985) também apresenta a crítica ao modelo de interpretação bíblica que não considera os contextos sociais; o teólogo teria a função de fazer uma exegese de seu tempo, dando a ele a responsabilidade de trabalhar com uma teologia como elemento de respostas às necessidades da sociedade.

Concluimos com a Terceira parte abordando a teologia negra como antirracista, relacionada com o princípio pluralista e como hermenêutica de resistência.

A obra de Cone trabalha a leitura da bíblia a partir da lente da luta antirracista; o autor coaduna com a visão do princípio pluralista apresentada por Ribeiro; nesta perspectiva, surgem novos locais de enunciação, onde a teologia tira o seu foco dos estudos que discorrem sobre concepção hegemônica de manutenção do *status quo* para uma reflexão que aborde todas as temáticas das realidades eclesiais nas diferentes comunidades.

Cone versa que a teologia para ser realmente relevante para o movimento antirracista deve partir das comunidades negras e que o local de fala é que irá apresentar as soluções para a realidade vivida, como em sua comunidade nos Estados Unidos.

Na terceira e última parte do artigo, apresenta-se a teologia negra como hermenêutica de resistência (antirracista) e facilitadora do diálogo com a diversidade cultural; concebe-se, assim, a teologia negra, o pluralismo religioso e a diversidade cultural como possibilidades de se pensar uma hermenêutica de resistência e alternativa, partindo do pensamento de James Cone.

Assim, observaram-se três questões importantes na prática de uma teologia focada na tolerância e na luta contra o preconceito: alienação, reconciliação e empatia.

A alienação é o fato de muitas pessoas que vivem sua vida cotidiana, confessando sua fé no cristianismo. Saber da dor de nosso próximo é um legado de Jesus Cristo, o amor ao

próximo como revelado nas escrituras.⁶ Jesus revela que o próximo pode ser uma pessoa de outra cultura e até mesmo de culturas rivais⁷. Jesus apresenta uma mudança de paradigma quando se relaciona com a mulher samaritana e com a parábola do bom samaritano.

A Reconciliação de Deus, na obra de Jesus, está no centro da teologia, tanto a negra quanto a tradicional, pois ela é o centro das Sagradas Escrituras. Um Deus que ao amar o homem o reconciliou consigo por meio do sacrifício de Cristo, e fez isso por todos os homens e mulheres. Destarte, devemos, como resultado de nossa fé, levar o próximo em amor para Deus para que ele conheça este amor revelado em Cristo; logo, qualquer atitude que não vá de encontro com a reconciliação do ser humano com o Criador não é o mandamento de Cristo: o de amar a Deus e ao próximo como a nós mesmo.

A empatia é a conclusão dos casos apresentado acima, pois ela coloca-nos no lugar do próximo; quando ouvirmos e dialogarmos com o meu próximo, a partir de suas dores, passamos a saber como o outro se sente e quais são as suas angústias, dificuldades e demais demandas que lhe tragam o sofrimento.

Com a empatia aplicada através do amor de Deus, os cristãos podem revelar ao mundo o amor de Deus e seu ato de reconciliação revelado em Jesus Cristo.

Referências

BÍBLIA. Português. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2010. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/4>. Acesso em: 12 jun. 2021.

BÍBLIA. King James Atualizada. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja/matthew/22.htm>. Acesso em: 12 maio 2021.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CONE, James H. **O Deus dos oprimidos**. Tradução: Josué Xavier. São Paulo: Paulinas, 1985.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

⁶ E ele replicou: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e com toda a tua capacidade intelectual” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Então, Jesus lhe afirmou: “Respondeste corretamente; faze isto e viverás”. Ele, no entanto, insistindo em justificar-se questionou a Jesus: “Mas, quem é o meu próximo?” (BÍBLIA, Lc 10, 27-29)

⁷ Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos). (BÍBLIA, Jo, 4, 9) Versão Almeida Corrigida Fiel.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **Religiões e direitos humanos (org.)**. Campinas: Saber Criativo, 2021.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.